

Projeto História, n°25, "corpo & cultura" Nº 25. São Paulo: educ Editora da PUC-SP, dez/2002
ISSN 0102-4442

páginas: 269-289

O corpo feminino como lugar de violência

Rachel Soihet*

Exaltado como expressão de beleza, inspirador do desejo, fonte de prazer, de vida através da maternidade, símbolo da nação republicana, na França pós-revolucionária como no Brasil, o corpo feminino é também lugar de violência, quer a violência física - espancamentos, estupros etc - tão bem conhecida, quer àquelas outras formas de violência sutis, engenhosas, entre as quais a chamada violência simbólica, que, igualmente, contribuem para a manutenção de desigualdades. E é sobre este outro lado que desnuda a idealização das mulheres e de seu corpo, trazendo à tona a violência nas relações entre gêneros que pretendo aqui me debruçar, privilegiando os períodos compreendidos entre fins do século XIX e os anos 1930 e iniciando-me naquele entre fins dos anos 1960 e 1980. Tais períodos se justificam, por marcar os limites temporais aproximados da primeira e segunda vaga de movimentação mais acentuada de mulheres pela participação na sociedade em vários âmbitos, do que decorreu um clima de crucial tensão no relacionamento entre os gêneros. Uma das dimensões dessa tensão pode ser avaliada pelo tom cáustico, irônico, escarnecedor, presente em variados discursos, verbais e pictóricos, com relação às mulheres que enveredavam pela reivindicação de direitos, o que nos fornece indicações da questão entre os segmentos médios, pois tais mulheres é que predominavam nesses movimentos. Entre os populares detecta-se uma tensão similar, presente na reação masculina às iniciativas femininas de participação em esferas consideradas masculinas, como na assunção de comportamentos e atitudes consideradas inadequadas. Agregam-se, dessa forma, elementos que possibilitam

* Profa do Programa de Pós-Graduação em História da UFF. Cabe ressaltar a atuação das bolsistas do CNPq Miriam Helena Pereira Salomé (1998-2000) e Erika Bastos Arantes (2000-2001); da FAPERJ (1998-1999) e, posteriormente, PIBIC/CnPq (1999-2000) Andréia Mello Lacê, não apenas na coleta de dados como na discussão desenvolvida, contribuindo efetivamente para a realização deste trabalho.

estabelecer uma melhor articulação entre gênero, classe, etnia, sem descuidar do contexto mais amplo.

Nesse último caso, embora também buscando informações em periódicos e escritos literários, a consulta a processos criminais e o noticiário policial dos jornais do momento focalizado afigura-se fundamental, pois tais fontes constituem materiais privilegiados para uma aproximação com o cotidiano de homens e mulheres dos segmentos populares, especificamente, com vista a perscrutar as suas contradições de gênero; já que de outra forma a existência desses sujeitos caracterizava-se pela invisibilidade, sendo parcamente representados em outra documentação. Quanto aos jornais, revelam-se imprescindíveis a fim de avaliar como tais conflitos eram noticiados. Possibilitam analisar o discurso utilizado, segundo valores que deviam disseminar-se por toda a sociedade, iluminando os comportamentos desejáveis aos homens e mulheres.

A análise dos referidos processos revela que as contradições de gênero atravessam a questão da classe social, embora apresentem especificidades decorrentes das diversidades culturais. De qualquer forma, a violência física se constituiria numa realidade presente em todas as classes sociais. Em obra da década de 1980, momento próximo à segunda vaga do movimento feminista, cientistas sociais referindo-se aos Estados Unidos chegam a afirmar:

A classe média não somente apresenta a mesma tendência que outras classes de se envolver em agressões físicas como também tem feito isso freqüentemente. Se existe alguma diferença, esta reside no fato de a classe média ter maior propensão à agressão física do que as classes mais pobres¹.

Ante a contradição de tais asserções com as estatísticas policiais que mostram os pobres cometendo maior número de agressões, respondem que *as alterações entre os pobres são simplesmente mais prováveis de se tornar uma questão de polícia*. E seguem-se inúmeras referências a estudos que comungam de tais conclusões, assim como a citações de personagens famosos denunciados por espancarem suas esposas e/ou companheiras.

As agressões, nos processos por mim pesquisados, partem em número muito mais elevado dos homens contra as mulheres, no que apresento resultados diversos daqueles de Sidney Chalhoub. Afirma o historiador no seu estudo clássico sobre a classe

¹ Stark, Rodney e McEvoy III, James. *Psychology Today* apud Langley, Roger e Levy, Richard C. *MULHERES ESPANCADAS fenômeno invisível*. Tradução de Cláudio Gomes Carina. 2ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1980, p.74.

trabalhadora no Rio de Janeiro que nos setores pobres da população urbana “a violência do homem por questões de amor se exerce com muito mais frequência contra outros homens do que contra as mulheres”. E, assim, concordo com a historiadora Magali G. Engel que chega a conclusões próximas às minhas sobre tal questão².

Ainda, no mesmo estudo, Sidney Chalhoub discorrendo acerca das manifestações de violência entre os segmentos populares no Rio de Janeiro do início do século, argumenta que o homem pobre, por suas condições de vida, longe estava de poder assumir o papel de mantenedor, previsto pela ideologia dominante, como também o papel de dominador, típico desses padrões. Este, porém, sofria a influência dos referidos padrões e, na medida que sua prática de vida revelava uma situação bem diversa, em termos de resistência de sua companheira a seus laivos de tirania, este era acometido de insegurança, contribuindo para que partisse para uma solução de força. A violência surgia, assim, de sua incapacidade de exercer um poder irrestrito sobre a mulher, sendo antes uma demonstração de fraqueza e impotência do que força e poder. Tal explicação se completaria, entre outros, a partir do fato de que tais homens, desprovidos de poder e de autoridade no espaço público - no trabalho e na política, seriam assegurados pelo sistema vigente de possuí-los no espaço privado, ou seja, na casa e sobre a família. Nesse sentido, qualquer ameaça a esse poder e autoridade lhes provocava forte reação, pois perdiam os substitutos compensatórios para sua falta de poder no espaço mais amplo³.

Confirmando tal pressuposto, mulheres que respondiam aos seus parceiros ou se recusavam a fazer algum serviço doméstico estavam entre o rol das vítimas; algumas vezes deixavam de fazê-lo por esquecimento e outras vezes, como forma de reagir à insatisfação com o companheiro. Assim, o paraguaio Gregório Valdez considerou justo ferir com uma faca sua amásia, a também, paraguaia Maria Salomé Gomes, ante o fato desta não ter atendido ao seu pedido de engomar sua camisa, pois precisava dela para viajar. Aproveitou para lançar suspeitas sobre o comportamento de Maria Salomé, acusando-a “de não cumprir o prometido por ter ido vadiar...”. Por sua vez, a vítima diz que “há muito não queria ter relações com o réu, pois este não concorria para sua subsistência, que muito pelo contrário, era ela quem o supria de dinheiro”. Tudo parece

² Chalhoub, Sidney. *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986; Engel, Magali Gouveia. “Paixão, crime e relações de gênero (Rio de Janeiro 1890-1930)”. *Topoi. Revista de História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p.155 .

³ Chauí, Marilena. *Repressão Sexual*. SP: Ed. Brasiliense, 1984, p.79.

indicar que Maria Salomé não preparou a camisa como uma forma de rebeldia, uma vez que já estava saturada da relação, sentindo-se explorada pelo amásio.

Por outro lado, verifica-se que ambos apóiam suas justificativas buscando demonstrar a inadequação do companheiro aos papéis de gênero estabelecidos. Gregório, acentua o não atendimento por Maria Salomé de uma tarefa que lhe competia: a responsabilidade de cuidar da roupa do companheiro, além de criticar seu comportamento leviano, visto na época como impróprio para uma mulher. A vítima, por sua vez, justifica seu descaso, face ao não cumprimento por Gregório do seu papel de provedor, inclusive, pela inversão nesse particular: ela é que o sustentava⁴.

Aliás, demonstrando as tensões derivadas das dificuldades dos homens pobres exercerem o papel de provedores, em meio à cultura dominante que lhes prescrevia tal papel, transcorriam uma série de dramas. Este é o caso de Maria da Silva que atirou de forma fatal em seu companheiro, o português Manoel José Vieira, após este tê-la agredido⁵.

Maria relata ter vivido maritalmente com Manoel, tendo com ele constantes brigas, já que “ele não cumpria com os deveres de bom companheiro”. Dessa união resultou um filho com a idade atual de sete meses e como a grande maioria das mulheres de sua classe social, Maria trabalhava numa casa de família. Em decorrência desse fato, “confiou de acordo com o falecido a criação e amamentação desta criança a uma senhora de sua amizade”. Continuando o seu relato, afirma que

Manoel não auxiliava a ela declarante na despesa com essa criança; que hoje às 7 horas e vinte minutos mais ou menos deixou seu serviço e foi procurar o falecido a fim dele dar algum dinheiro para compra de leite para a referida criança e chegando em casa pediu a ele esse dinheiro, respondendo-lhe ele que não dava nem um vintém, desesperada porque soube que seu filhinho nem leite tinha tomado hoje alterou com o falecido que procurou bater nela declarante chegando mesmo a atacá-la.

Igualmente, Antonia Josepha Maria da Conceição, preta, com 50 anos, cozinheira, em 20-10-1904 teve forte discussão com seu amásio, o chacareiro português Antonio Fernandes, com 67 anos. Mais uma vez, a razão do confronto foi o fato de Antonia Josepha ter-lhe pedido dinheiro para pagar o aluguel da casa. Antonio reagiu

⁴ Processo n. 576, caixa 63, 1883. Primeiro Tribunal do Júri. Arquivo do Museu do Palácio da Justiça de Niterói.

⁵ *Processo Maria da Silva*. maço 168. Arquivo do Primeiro Tribunal do Júri. 19. 04. 1917.

agressivamente jogando uma botina em Antonia que lhe atingiu a cabeça, levantando-se, em seguida, com destino à rua⁶. Também, aqui, o homem é instado pela companheira ao cumprimento de suas obrigações familiares, no caso, o pagamento do aluguel da casa, fato que por si só já é capaz de provocar por parte deste forte reação. Acresce-se a isto, como no processo visto anteriormente, a impossibilidade real, por dificuldades econômicas, de atender a tal compromisso, o que dá margem à violenta reação de Antonio Fernandes.

Uma outra situação de contendas domésticas, envolve Minelvina Francisca de Souza, com 53 anos que se recusou a acompanhar seu marido Antônio de Azeredo Coutinho ao rancho que ele estava construindo, assim como ao seu pedido para sentar-se ao seu lado⁷. Foi o suficiente para que este lhe desse uma facada. A vítima começou a gritar, pedindo socorro aos vizinhos que imediatamente a ajudaram, evitando o pior. Reação diferente teve Theresa Margarida de Jesus, que se esqueceu de pregar os botões na camisa do marido⁸. Quando este lhe exigiu a camisa e reparou que estava sem os botões, muniu-se de um bambu e feriu-a. A vítima não reagiu e em depoimento afirmou que não sabe como o ferimento aconteceu, pois estava muito perturbada, dizendo acreditar que foi de algum tombo que levou. Esse é um dos casos em que ocorre uma cumplicidade da parte de Thereza com relação ao seu marido. Tal atitude pode ser devida ao fato de Thereza partilhar das concepções machistas predominantes na sociedade que circulavam entre as diversas classes sociais, o que não exclui a predominância de uma certa simetria nas relações entre os homens e mulheres da classe trabalhadora, devido as suas especificidades materiais e culturais⁹.

Tais casos de agressões relacionadas a questões domésticas foram recorrentes nos processos analisados, demonstrando que nos momentos de conflitos reproduziam-se expectativas típicas da sociedade patriarcal. As mulheres deveriam se submeter aos homens executando os serviços exigidos e, caso não fossem atendidos, estes se sentiam no direito de agredi-las. No entanto, observa-se que apenas uma minoria de mulheres não reagia, chegando algumas a defenderem seus companheiros em julgamento, como foi visto em um único caso acima relatado. A maioria delas reagia de maneiras diversas:

⁶ Processo Antonia Josepha Maria da Conceição, n. 1085, maço 894, GA. Arquivo Nacional. 20. 10. 1904.

⁷ Processo número 491, caixa 54. Rio de Janeiro 1877. Esse e a maioria dos demais processos citados são do Primeiro Tribunal do Júri..

⁸ Processo número 428, caixa 49. Rio de Janeiro 1874.

⁹ Chalhoub. op. cit., p. 164.

muitas gritavam, solicitavam ajuda dos vizinhos e outras tantas se atracavam com o agressor tentando dissipar-lhes as forças.

Um exemplo dessa atitude de não sujeição é a de Henriqueta Maria da Conceição, que longe estava de se enquadrar ao modelo tradicional prescrito para a mulher. Natural do Rio de Janeiro, com 18 anos, casada, a 17 de agosto de 1896 achou por bem pernoitar na casa onde trabalhava. Tomou esta decisão, demonstrando elevado senso profissional, já que ali estava tendo lugar um baile e seus serviços foram necessários. Ao retornar à sua casa foi, porém, agredida por seu marido que afirmou não ser verdade o motivo alegado. Henriqueta, porém, ciosa de seus direitos, reagiu à agressão, ficando ambos machucados¹⁰.

Seu marido, inconformado com a atitude da mesma, providenciou sua prisão, sendo Henriqueta levada para a Casa de Detenção onde ficou, ilegalmente, até 6 de outubro, quando foi impetrado *habeas-corpus* em seu favor. Por sua vez, seu marido teria passado oito dias na Santa Casa de Misericórdia, de onde saiu completamente restabelecido, chegando a ir duas vezes à Casa de Detenção, onde afirmou a Henriqueta: “que por seu gosto ela ficava presa por mais cinco anos”, o que demonstra sua intolerância ante a reação da mesma.

Esta, por sua vez, é castigada pelas atitudes tomadas, em que demonstra discordância com relação às limitações que se pretendia impor ao seu sexo. Valorizou Henriqueta sua atividade profissional que na mulher, ao contrário do homem, deveria sempre se manter num plano abaixo daquela correspondente às funções de esposa e mãe. Também ousou Henriqueta reagir à atitude de prepotência de seu companheiro, fato condenável num sistema que legitimava a subordinação feminina.

Imagem igualmente da prepotência machista é a atitude do lustrador, Horácio de Souza Castro, que chegando a sua rua, aproximadamente às oito horas da noite, deparou-se com sua amásia, Leopoldina. Sob o pretexto de que esta saíra sem seu consentimento e àquela hora “*deu-lhe algumas tamancadas e a empurrou para que fosse para casa*”. Leopoldina, porém, sentiu-se profundamente ofendida e, ao passarem por um lugar escuro, feriu Horácio no peito com uma faca, o que fez com que este tivesse uma vertigem, aproveitando-se Leopoldina para desaparecer de cena¹¹.

¹⁰ Processo Henriqueta Maria da Conceição, n. 9830, caixa 1903, GF. Arquivo Nacional, 03. 10. 1896.

¹¹ Processo Leopoldina Maria Constança, n. 1102, caixa 779, GA. Arquivo Nacional, 24. 10. 1908.

A recusa das esposas e companheiras a entreter relações sexuais era, também, razão para conflitos, acompanhados de investidas contra o corpo das mulheres. Inclusive, alguns ex- maridos ou companheiros exigiam manter tal relacionamento, mesmo após a separação e, ante a recusa das mulheres a desavença se instalava. Tal estado de coisas ocasionava situações de tensão que se desencadearam de forma crítica e até mesmo fatal. Ernestina Maria de Jesus, solteira, com 20 anos constitui-se num exemplo. Não mais suportando a convivência com Custódio Gonçalves Paes de 22 anos, o abandonou. Posteriormente, ao recusar a sua proposta de voltarem a manter relações sexuais, recebeu uma facada, falecendo de infecção generalizada. Outras, que resistiram a propostas dessa natureza ao considerarem o caráter ruim do relacionamento, mesmo sem chegar a tão trágico fim, não deixaram de arriscar suas vidas. Tal é o caso de Benedita Maria da Conceição que levou 5 tiros de seu amásio João Antonio dos Santos; a italiana Carmélia, casada com Francisco Bruno estava a estender roupas, quando foi por ele agredida com navalha; Também Agueda Maria da Conceição, amásia de João da Costa Viana, teve o pescoço por ele golpeado com navalha ao recusar-se a ter relações, revoltada com os espancamentos a que era submetida¹².

Em inúmeras situações, os acusados sem apresentar provas, lançavam mão da suspeita de adultério, justificando sua atitude com o argumento da “legítima defesa da honra”¹³. E esta é a justificativa de que lança mão o militar Lourenço Ferreira Chaves para o assassinato de sua esposa Josepha Maria Juliana a 09 de fevereiro de 1896. No seu depoimento, Lourenço afirma que Josepha teria dito que preferia morrer a acompanhá-lo no seu retorno para o Piauí, para onde estava sendo transferido. Ao lado disso, porém, acrescenta que matou sua mulher com uma faca “porque a mesma o desrespeitava, andava de amores com um cabo do mesmo batalhão”.

O adendo deu margem a que a defesa unisse os dois argumentos, alegando que após 19 anos de convívio harmônico, foi Lourenço transferido para a Capital Federal. “Aqui chegados, começou a desconfiar de algumas atitudes de sua mulher que ‘até o

¹² Também, encontrei três ocorrências em que homens vizinhos, conhecidos da família invadiram a casa de mulheres e encontrando-as sozinhas, pretenderam estuprá-las. Ante a reação das mesmas agrediram-nas.

¹³ De acordo com o Código Penal de 1890, apenas a infidelidade feminina era penalizada por adultério. O homem só era considerado adúltero no caso de possuir concubina teúda e manteúda. O homem, em verdade, tinha plena liberdade de exercer sua sexualidade desde que não ameaçasse o patrimônio familiar. Já a infidelidade feminina era, via de regra, punida com a morte, sob o argumento de que o assassino se achava “em estado de completa privação de sentidos e de inteligência” no ato de cometer o crime, ante o fato de ter vilipendiado a sua honra. Na prática, reconhecia-se ao homem o direito de dispor da vida das mulheres.

aconselhava a desertar , sempre no intuito de fugir à viagem novamente determinada para o Piauí”¹⁴. Unia, dessa forma, duas questões-chave, com vistas a representar a vítima com forte conotação negativa: já que insuflava seu marido a descumprir ordens de seus superiores, faltando com os deveres para com a pátria, ao mesmo tempo em que incorria no adultério, suprema imperfeição moral para uma mulher.

O “ciúme”, mesclado a uma resposta brusca era, igualmente, fonte de problemas. É o que se constata dessa matéria veiculada pelo *O Paiz*, acerca do “entrevero” entre Júlio Teixeira Garcia e sua amante Quitéria Maria da Conceição. Ao chegar às 11 horas da noite e avistá-la sentada na porta, Júlio apertou o passo e a interpelou sobre o que ali fazia. Quitéria ergueu-se arrebatadamente e sem dar palavras entrou. Teixeira fê-la parar bruscamente. Mas a rapariga com um safanão escapou-lhe e virou-lhe as costas. Teixeira cheio de cólera apossou-se de um punhal e cravou-o no dorso de sua amásia que caiu soltando um grito de dor. O criminoso embrenhou-se nas matas existentes e desapareceu favorecido pela escuridão¹⁵. Já nessa outra situação o simples fato da esposa Julia começar a trabalhar numa fábrica de tecidos encheu o marido de suspeitas infundadas. Acreditou que ela havia se enamorado do mestre da fábrica e, como resultado, feriu-a mortalmente com duas facadas, alvejando-a em seguida com dois tiros de garrucha no próprio leito conjugal¹⁶.

Um aspecto evidente que emerge da documentação é a iniciativa das mulheres de livrarem-se de uma situação que as oprimia, algumas ao preço de sua própria vida. Assim, em que pese a ameaça que pairava sobre elas, o abandono do lar por mulheres, alegando a situação desagradável que enfrentavam no cotidiano, é significativo na amostragem. Os esposos/companheiros, inconformados ao serem rejeitados, apelavam para a agressão. Algumas encontraram a morte como Justina Cardoso de Meneses e Souza, casada há cerca de 7 anos com o alferes João Batista Pires de Almeida. Descontente com as desconfianças do marido e as questões que daí decorriam, Justina decidiu abandoná-lo, o que fez por duas vezes sucessivas. Terminando por descobrir o local em que Justina se encontrava, João a obrigava a retornar. Da segunda vez, este termina por assassiná-la, alegando desconfiar de seu comportamento¹⁷. Não escapou de drama similar Eleonora de Carvalho de Mello Machado, filha do Dr. Carlos de Carvalho, ex-ministro do Interior e casada com o deputado Irineu Machado. O fato

¹⁴ Processo Lourenço Ferreira Chaves, n. 60, caixa 07, 09 de fevereiro de 1896.

¹⁵ “Ciúme e Sangue” in *O Paiz*. 07 de março de 1899.

¹⁶ *O Paiz*. 06 de janeiro de 1922

¹⁷ *Jornal do Brasil*. 10 de março de 1900.

mereceu ampla repercussão, devido à situação social elevada dos personagens, fato raro nas colunas policiais. Também, Eleonora, cansada dos desmandos de seu marido que praticamente abandonara o lar, resolveu dele separar-se. O resultado foi a tentativa de assassinato por este levada a efeito, a 3 de julho de 1900, alegando como era de praxe nessas ocasiões, sentir-se ultrajado em sua honra ante às denúncias de que sua esposa o traía¹⁸. Em face do que informava agir sob forte perturbação dos sentidos. Como ocorria na maioria das situações dessa natureza, o réu foi absolvido em primeira instância¹⁹.

A violência masculina como resultado da rejeição manifesta-se, também, entre aqueles que não mantinham nenhum vínculo. Tal aconteceu com Maria Luiza da Conceição, solteira, com 25 anos que recebeu dois golpes de faca no pescoço de Manoel Joaquim do Sacramento por ter recusado sua proposta de casamento. E, Maria Luiza explica sua decisão “por não ser do seu gosto fazê-lo com Manoel”, demonstrando sua firmeza em garantir sua escolha, ao assumir tão significativo compromisso²⁰. Situação idêntica viveu Isabel Rodrigues de Sá, com 17 anos, que não tinha a menor atração por Pedro José dos Santos, de quem merecia corte insistente. Como resultado, estando a passear com pessoas de sua família, dele recebeu tiros de espingarda.²¹

A pesar de tudo, muitas não se intimidaram, buscando reconstruir suas vidas, tentando novos relacionamentos, o que fica nítido na declaração da italiana Maria Bossio, casada com seu conterrâneo José Rita que a feriu com vários tiros de revólver: “que este não lhe dava bom tratamento e a atirava ao desprezo”. Diante deste quadro, abandonou-o e foi morar com uma amiga, mas que “a partir de então ela declarante uniu-se com um patricio, vivendo muito bem”²².

Os casos de suspeita de infidelidade aparecem, igualmente, como causa de crimes passionais ocorridos no Rio de Janeiro, no período estudado recorda-se (1873 à 1902). O militar Lourenço Ferreira Chaves, casado, com suspeitas de estar sendo traído, acreditou obter à confirmação de suas suspeitas quando a vítima recusou-se a acompanhá-lo numa viagem. Alucinado esfaqueou a mulher até a morte. Disse em julgamento que se fez réu involuntariamente, convencido de que assim agiu em defesa de sua honra. Argumentação comum na época e que inocentava os acusados de crimes

¹⁸ *Jornal do Brasil*. 3 de março de 1900.

¹⁹ *Jornal do Brasil*. 4 de setembro de 1900.

²⁰ Processo Manoel Joaquim do Sacramento. N. 513, caixa 56. 02 de agosto de 1879.

²¹ O Paiz. 02 de março de 1899.

²² Processo José Rita. N. 63, caixa 07. 22 de novembro de 1896.

contra suas mulheres. Acreditava-se que alguns homens agrediam mulheres, impulsionados por “sentimentos repentinos” e inexplicáveis; as vítimas poderiam ser parentes, conhecidas ou desconhecidas. Em todos os casos, foram solicitados exames de sanidade mental, alguns dos acusados foram encaminhados para o hospício e outros, cujos laudos, confirmavam a sanidade do réu, voltaram à sociedade sendo absolvidos do crime que cometeram.

Igualmente, Olívia Antonia Teodora Barbosa, a 26 de julho de 1900, foi vítima de vários tiros de revólver do seu ex-amásio Antonio Francisco Barbosa do 1º. batalhão de infantaria da Brigada Policial. Ao confessar seu crime, Antonio apela para a legítima defesa da honra, alegando ter encontrado Olívia acompanhada de um praça com quem mantinha relações. As testemunhas, porém, mesmo as masculinas, revelam que o casal já estava separado e o tal praça não foi visto por ninguém. Outros casos de idêntico teor se repetem.²³

Os casos a seguir, únicos analisados em que as mulheres foram acusadas, exemplificam situações de mulheres saturadas, reagindo a tais ciúmes infundados. Margarida Maria da Conceição, amasiada com Paulo Luis, arremessou-lhe um prato de louça, após ter sido esbofeteada por estar conversando no portão, com sua vizinha²⁴. Este desconfiara que as duas estavam tramando algo e chamando-a para dentro esbofeteou-a. Maria Domingues Alves, agrediu o amásio Raimundo dos Santos com uma faca, após algumas discussões; o amásio não queria que a mulher saísse como estava vestida, espancou a mulher que se recusa a mudar de roupas, enfurecida armou-se de uma faca e feriu a vítima²⁵. Nos dois casos as acusadas foram absolvidas.

Apesar da infidelidade por parte da mulher configurar-se como um grave crime e ser penalizado com a morte, pois o seu assassinato era reconhecido na prática como uma forma do homem vingar a sua honra ofendida, mulheres arriscaram-se e viveram outros amores. Inúmeros são os exemplos dessa natureza. Maria Ignácia Garret e o porteiro da Praça do Mercado estavam casados há 15 anos. Estando grávida, espancada pelo marido, Maria Ignácia chegou a perder a criança, o que não a impediu de enfrentar sua

²³ Eugênia Bezerra, também, alegando maus tratos deixou o companheiro, o militar Marinoni Ramos de Souza, que “a maltratava e lhe dava bordoadas”. Encontrando-a, Marinoni fingindo que lhe daria um beijo e um abraço, deu-lhe um golpe de navalha; Também, Clementina Correa de Oliveira, empregada doméstica, dirigia-se para seu trabalho, à Praia do Flamengo, quando encontrou seu marido de quem se separara há dois meses, devido a maus tratos, o qual disparou três tiros que não a atingiram. Enfim, mais quatro situações similares foram encontradas.

²⁴ Processo número 485, caixa 54. Rio de Janeiro 1878.

²⁵ Processo número 568, caixa 62. Rio de Janeiro 1882.

fúria, sendo surpreendida em flagrante delito no quarto de Antonio Vidal²⁶. Também, Maria de Jesus era amásia de José de Souza Passos com quem residia na casa de cômodos à rua Conselheiro Bento Lisboa, n. 109. Avisado por vizinhos surpreendeu-a com o português, dono de uma loja de ferragens. Apesar dos golpes que recebera, Maria de Jesus conseguiu escapar e saiu em busca de socorro²⁷.

A espanhola Graciana Garcia decidiu abandonar seu marido, o também, espanhol Pedro Salamanca que a encontrando num botequim, conversando alegremente com Antonio de Almeida, irrompeu contra a mesma criticando seu procedimento. Segundo o jornal, *Graciana longe de se considerar humilde respondeu com um riso de mofa as queixas proferidas por seu marido. Desesperado o pobre marido lançou mão de uma faca e vibrou na mulher dois golpes*. Palavras que deixam entrever o imaginário da época com relação ao comportamento feminino que deveria ser, antes de tudo, submisso, o que não impossibilitava, porém, que mulheres desafiassem tais regras²⁸.

A partir desses dados cabe perguntar se existem diferenças significativas nas relações de gênero entre populares e elementos dos demais segmentos. Torna-se relevante, de início, acentuar o caráter complexo e contraditório da questão. Os populares não se constituem em um bloco unívoco. A heterogeneidade impera em todos os segmentos da sociedade. Por outro lado, não vivem isolados, o fenômeno da interpenetração cultural é uma realidade por todos reconhecida, ou seja, influências recíprocas ocorrem entre os diversos grupos da sociedade. Tais trocas ocorrem não apenas entre dominantes e dominados, de cima para baixo e vice-versa, como também no sentido horizontal entre grupos pertencentes a classes sociais idênticas, mas apresentando diferenças de cor, religião, geração, etc²⁹.

Assumindo-se uma outra vertente, aquela de Roger Chartier que sugere a noção de apropriação, tal circulação de valores, padrões de comportamento etc, também, apresenta-se. Já que são enfatizadas as práticas que se apropriam de forma diversa dos materiais que circulam numa determinada sociedade, dando lugar aos usos diferenciados e opostos dos mesmos bens, dos mesmos textos, das mesmas idéias³⁰.

²⁶ *O Paiz*. 06 de janeiro de 1899

²⁷ *O Paiz*. 03 de março de 1899

²⁸ *O Paiz*. 16 de março de 1899

²⁹ O conceito de "Circularidade Cultural" pauta-se nas posições de M. Bakhtin e Carlo Ginzburg. *O queijo e os vermes. O conceito e as idéias de um Moleiro perseguido pela Inquisição*. S. P. Ed. Companhia das Letras, 1987, p. 16, 17.

³⁰ Roger Chartier. "Textos, Impressões, Leituras", in *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Lisboa, DIFEL, 1988, p. 134.

Um outro aspecto a considerar é aquele da documentação, bastante diversa com relação aos segmentos dominantes e populares no que tange ao exame da questão, ou seja, das formas de reação masculina, ante as iniciativas femininas de uma participação mais ampla, no âmbito público como privado. Numa avaliação apressada considerar-se-ia que o “ciúme” seria o principal móvel dos conflitos entre homens e mulheres das camadas populares. Ciúme que se manifestaria, no caso dos homens, entre outros, ao serem abandonados, ao verem sua ex - companheiras ou esposas com outra companhia masculina ou ao terem recusadas suas propostas de relacionamento sexual.³¹

Na verdade, tal comportamento expressa muito mais a pretensão de considerarem o corpo da mulher como um objeto de sua propriedade. E, esta não é uma crença específica dos homens pobres, igualmente, no caso das camadas mais favorecidas, os mesmos condicionamentos culturais estão presentes. Assim, uma das explicações é de que, na medida em que é dado ao homem o direito de extravasar sua agressividade “natural” sobre os objetos de sua propriedade e sendo o corpo da mulher considerado uma propriedade sua, este se constitui no local próprio de extravasamento da agressividade masculina³². Cabe voltar a lembrar, neste particular, que a violência física não ocorre, apenas, onde predominam as condições precárias de existência, desemprego e desagregação das relações sociais e familiares. Ela também se manifesta, e muito, onde estão presentes os padrões tradicionais do comportamento. As relações violentas, portanto, não se constituem em apanágio dos populares apresentando-se, igualmente, nos segmentos médios e elevados. Entretanto, estes dispõem de recursos que impedem, na grande maioria dos casos, que a questão se torne do conhecimento da polícia e do público, em geral.

Quanto à circulação das mulheres pobres pelos diversos espaços, nas ruas e praças, esta lhes era vital, já que precisavam trabalhar e na maioria das situações manter a família. Assim, era mais difícil para os homens controlarem-nas³³. As

³¹ Refiro-me aos homens já que dos 43 processos examinados, apenas, dois tem as mulheres como acusadas.

³² Celina Albano e Paula Monteiro. “Anatomia da violência” in O Lugar da Mulher. Rio de Janeiro, pp. 110/111.

³³ Outros processos revelam brigas entre os casais por uma situação de desemprego masculino.

condições concretas de existência dessas mulheres, com base no exercício do trabalho, partilhando com seus companheiros da luta para a sobrevivência, contribuem para o desenvolvimento de um forte sentimento de auto-respeito, o que lhes possibilita reivindicar uma relação mais igualitária, ao contrário dos estereótipos vigentes acerca da relação homem/mulher que previam sua subordinação e aceitação passiva dos percalços provenientes da vida em comum.

Para a compreensão de tal atitude, torna-se relevante informar que, no período abordado observa-se um excedente de população masculina em relação à feminina, o que pode ser verificado através da consulta aos censos realizados na época e que alcança sua maior diferença naquele de 1906. Tal diferença dever-se-ia, principalmente, à entrada de imigrantes estrangeiros que não traziam suas famílias, além de muitos serem solteiros. De acordo com Chalhoub, tal diferença quantitativa entre os dois sexos favorecia às mulheres que eram, assim, altamente disputadas pelos homens e tinham condições de reivindicar maior simetria na relação. Assim mesmo, observa-se, a partir da leitura dos processos que alguns homens pretenderam obter uma atitude de obediência de suas companheiras, assim como controlar os seus movimentos, reagindo ao encontrarem-nas em horários e locais que consideravam inadequados. Reafirma-se, portanto, a circulação desses valores, embora diferenças apresentem-se. Muito do idealizado, dificilmente, concretizava-se. Ao contrário dos estereótipos, acerca da submissão feminina, as mulheres vitimadas rebelaram-se contra os maus tratos de seus companheiros, precipitando soluções extremas, considerando-se, em sua maioria, merecedoras de direitos iguais aos dos homens com que conviviam..

A violência, porém, não se resume a atos de agressão física, decorrendo igualmente, de uma normatização na cultura, da discriminação e submissão feminina. As teorias construídas e instauradas por homens, estabelecendo um duplo discurso, do homem sobre o homem e do homem sobre a mulher, restritivas da liberdade e da autonomia feminina, que convertem uma relação de diferença numa hierarquia de desigualdade, configuram uma forma de violência e nesse caso insere-se, igualmente, a violência simbólica. Importa ressaltar que reconhecer nesse particular a incidência sobre as mulheres da violência simbólica, que supõe a adesão dos dominados às

categorias que embasam sua dominação, ajuda a compreender como a relação de dominação - que é uma relação histórica, cultural e lingüisticamente construída - é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irreduzível, universal.³⁴

Os pressupostos acerca da inferioridade feminina, presentes no discurso da Igreja Católica, paradoxalmente, são, reafirmados pelo iluminismo, legitimando-se a exclusão das mulheres da cidadania política e civil com a Revolução Francesa, apesar do papel relevante que as mulheres desempenharam no movimento. Tais teorias ganham força durante o século XIX, adquirindo o respaldo da ciência, o ídolo do momento. A medicina social assegura constituírem-se como características femininas, por razões biológicas, a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem, conjugava à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios.... Por outro lado, àquelas características femininas, das quais ressalta a menor inteligência e sensibilidade sexual, levavam Cesare Lombroso, médico italiano e nome conceituado da criminologia em fins do século XIX, a justificar que as leis contra o adultério só atingissem a mulher cuja natureza não a predisponha para esse tipo de transgressão. Aquelas dotadas de erotismo intenso e forte inteligência, eram despidas do sentimento de maternidade, característica inata da mulher normal, sendo extremamente perigosas. Constituíam-se nas criminosas natas, nas prostitutas e nas loucas que deveriam ser afastadas do convívio social³⁵.

Com a consolidação da burguesia no poder, firma-se no século XIX a divisão de papéis e uma rígida separação das esferas de atuação entre os gêneros. O masculino na órbita pública e o feminino no âmbito privado. Tal se configura com mais ênfase entre os segmentos mais elevados, já que as mulheres pobres por sua condição social continuam a ter a rua como espaço preferencial, obrigadas, elas mesmas a realizarem suas compras, como também ao exercício do trabalho extradoméstico, além de

³⁴ R. Chartier. “Diferenças entre os Sexos e Dominação Simbólica (nota crítica)” *Cadernos Pagu* (4). Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995,p.40-44. Segundo Roger Chartier, inspirado em Norbert Elias e P. Bourdieu, o avanço do processo de civilização, entre os séculos XVI e XVIII, corresponderia a um recuo da violência bruta, substituindo-se os enfrentamentos corporais por lutas simbólicas. Nesse período, a construção da identidade feminina se pautaria na interiorização pelas mulheres das normas enunciadas pelos discursos masculinos, fato correspondente a uma violência simbólica. Ainda, de acordo com Chartier, um objeto maior da história das mulheres, neste momento, consiste no estudo dos discursos e das práticas, manifestos em registros múltiplos, que buscariam garantir o consentimento feminino às representações dominantes da diferença entre os sexos: a divisão das atribuições e dos espaços, a inferioridade jurídica, a inculcação escolar dos papéis sociais, a exclusão da esfera pública, etc.

³⁵ Cesare Lombroso et Guglielmo Ferrero. *La Femme Criminelle et la prostituée* (traduction de l'italien).1896.

encarregarem-se de inúmeras atribuições que lhes proporcionavam maior independência; o que não impedia, porém, a presença de contradições entre os gêneros e a incorporação desses saberes.³⁶

Por outro lado, a incorporação da dominação não exclui a presença de variações e manipulações, por parte dos dominados. O que significa que a aceitação pela maioria das mulheres de determinados cânones não significa, apenas, vergarem-se a uma submissão alienante, mas, igualmente, construir um recurso que lhes permitam deslocar ou subverter a relação de dominação. Compreende, dessa forma, uma tática que mobiliza para seus próprios fins uma representação imposta - aceita, mas desviada contra a ordem que a produziu. Assim, definir os poderes femininos permitidos por uma situação de sujeição e de inferioridade significa entendê-los como uma reapropriação e um desvio dos instrumentos simbólicos que instituem a dominação masculina, contra o seu próprio dominador.³⁷

Mas, além dessa resistência cotidiana, principalmente, a partir da segunda metade do século, transformações que se apresentavam nos mais diversos âmbitos, aliadas às insatisfações de muitas mulheres inconformadas com sua exclusão do terreno público, contribuem na emergência de movimentos feministas na Europa Ocidental e nos Estados Unidos com vistas à modificação desse quadro. Criando uma imprensa própria, organizando associações, quer aquelas que se limitavam a uma postura liberal, quer as que vinculavam suas propostas à instauração do socialismo, lutam as mulheres pelo reconhecimento de seus direitos, incursionando algumas pelo terreno da sexualidade. No início do século XX uma primeira geração de mulheres médicas sugere às demais a liberação do medo e da ignorância do seu corpo. Não foi tranqüila a receptividade para com essas manifestações. A reação fez-se sentir não só por parte dos

³⁶ Michelle Perrot. *Os Excluídos da História*. S. Paulo. Ed. Paz e Terra, 1988, p.200.

³⁷ Roger Chartier. op. cit. Outros historiadores também descartam a visão de uma ação unilateral do poder sobre os dominados passivos e impotentes. Como frisa Michel de Certeau, torna-se necessário desvendar as sutilezas engendradas criativamente pelos dominados, com vistas a reagir à opressão que sobre eles incide. E. P. Thompson, embora não estabeleça as mulheres como objeto específico, dedica especial atenção às manifestações cotidianas de resistência dos subalternos. A noção de resistência torna-se, dessa forma, fundamental nas abordagens sobre as mulheres e inúmeras historiadoras têm se baseado nesse referencial no esforço de reconstrução da atuação feminina. Michel de Certeau. *Artes de Fazer. A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1994, p.41; E. P. Thompson. *Tradicón, revuelta y consciencia de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona, Ed. Critica, 1979, p. 51.

governantes, reprimindo tais movimentos, como da própria sociedade, particularmente da parcela masculina e de não poucas mulheres.³⁸

No Brasil, idênticas iniciativas se fizeram sentir. Desde o primeiro protesto de Nísia Floresta, na década de 1830, manifestam-se com mais força insatisfações femininas. Constitui-se aqui, igualmente, uma imprensa feminina, cujo primeiro periódico, *O Jornal das Senhoras*, data de 1852. Algumas mais moderadas nas suas reivindicações, enfatizavam a importância da educação da mulher, lembrando o seu papel de mãe, ou por uma "questão de requinte espiritual". Outras mais incisivas defendiam-na como recurso para o alcance da independência econômica, também, acentuando a relevância dos direitos civis e políticos, chegando algumas a defender o divórcio.³⁹

Já no século XX, despontam nomes como aquele de Maria Lacerda de Moura, pioneira em muitos âmbitos, inclusive no que tange ao questionamento da organização familiar e da moralidade existente, postulando a liberdade sexual. Outras organizam-se em associações, destacando-se a atuação de Bertha Lutz. Tais reivindicações deram lugar a fortes resistências, negando-se por toda a Primeira República, entre outros, reconhecer às mulheres o direito de voto. Autoridades, políticos em geral, juristas, negaram-se a considerar positivamente suas pretensões, respaldando-se na ciência da época que legitimava a partir de razões biológicas tal desigualdade entre homens e mulheres. Também, através de peças teatrais, da literatura, de crônicas e por diversas matérias na Imprensa -jornais e periódicos- observa-se oposição ao seu atendimento, chegando alguns a ridicularizar as militantes, representando - as como masculinizadas, feias, despeitadas e, mesmo, amorais, no que conseguiam grande repercussão; não sendo poucos os homens comuns que endossavam tais opiniões, através de depoimentos, e cartas aos jornais.

Ao longo do tempo, as feministas foram objeto de grosseiras caricaturas em crônicas e *charges*, nas quais busca-se passar a mensagem do terror e do grotesco que representaria a participação de mulheres em esferas consideradas próprias dos homens. Uma das conseqüências seria a desordem familiar, mulheres passariam todo o dia no escritório ou em assembléias, vendo-se os maridos envolvidos nos cuidados com os

³⁸Anne-Marie Kappeli. "Escenarios del Feminismo" in Georges Duby y Michelle Perrot (dirección). *Historia de las Mujeres en Occidente.4. El Siglo XIX*. p.513.

³⁹June E. Hahner. *A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850- 1937*. S. Paulo, Ed. Brasiliense, 1981, pp. 35, 63.

filhos, atividade para a qual não apresentariam quaisquer habilidades, daí decorrendo a péssima qualidade da alimentação, não cumprimento de horários, o caos doméstico...

Repetem-se velhos estereótipos, acerca da importância de serem respeitados os diferentes atributos dos homens e mulheres, concepção presente na religião, atualizada e sofisticada pelos filósofos iluministas e utilizada pela ciência. Em 1930, na *Folha da Noite*, o autor que não se identifica, procura explorar a suposta masculinização das mulheres que reivindicavam direitos, um dos estereótipos que lhes era mais atribuído. Informa que essas esquisitas *senhoras que estão levantando pelo mundo todo o clamor pela conquista dos "direitos da mulher", não se deveriam chamar "feministas". Dever-se iam chamar "masculinistas"*. Isto porque, essas ousadas pioneiras vestem-se como homens. Segundo ele, masculinizam-se no traje que passa a descrever:

As sufragistas inglesas vistas de repente, ou de longe, são figuras ambíguas. A gente custa, a saber, se a heteróclita criatura de chapelinho de palha, punhos e colarinho duros, gravatinha borboleta, jaqueta igual aos paletós do sexo barbado, sapatos rasos etc. deve ser chamada "miss", "misteres" ou "mister"⁴⁰.

Em seguida, detém-se no aspecto físico: *...os modos incisivos, os gestos secos, a voz roufenha, acrescenta-se a circunstância dos cabelos cortados e a moda dos homens rasparem barba e bigode, e reconhecemos natural o equívoco, naturalíssimo a confusão*. Todo esse intróito em que se deformava o corpo das militantes a fim de se lhes atribuir traços masculinos, acompanhados de extrema feiúra se justificava para atacar aquele que era o objetivo visto como subversor da ordem social. *Masculinizadas no tipo, querem masculinizar-se nos direitos*. Propugnam a igualdade política e jurídica dos dois sexos, e está claro que - *propugnariam também a equiparação proliferante*. Os mesmos encargos, os mesmos deveres, para marido e mulher. E, aí vinha um outro perigo há muito temido nestas mudanças: *de muito marido sabemos que já serve de ama seca aos filhos, enquanto a esposa trabalha nas repartições públicas ou alhures, em tudo, enfim, onde havia homens antigamente...*

A recorrência de tal discurso torna-se uma constante, inclusive buscando apontar para uma iminente catástrofe, o fim da humanidade com um inevitável deboche...a não ser que o Senhor enviasse à terra *um miserável Adão com disposição para servir como escravo a tantas rainhas...*

⁴⁰ *Folha da Noite*. 27.09.1930.

Também, é recorrente a preocupação em acentuar o caráter imprescindível da beleza para as mulheres. A ausência desse atributo representa um pesado ônus, já que, infalivelmente serão rejeitadas pelos homens. E as feministas são objeto de grosseiras caricaturas em que se acentuava o traço, deformando – se lhes o corpo, buscando representa-las como espécimes de extrema feiúra. Busca-se, assim, inculcar que as mulheres que se decidem à luta pelo reconhecimento de direitos e buscam disseminar suas idéias fazem-no apenas por frustração. Ou seja, não sendo privilegiadas com a beleza, vendo-se relegadas à triste situação de *vieille-fille*⁴¹, vista na época como extremamente humilhante para as mulheres, buscam vingança através do questionamento de sua condição.



Miss Alma
(Tipo feminino)

Numa dessas caricaturas, intitulada "Miss Alma (Tipo Feminista)" vê-se uma mulher extremamente magra, feia, sapatos masculinos, chapeuzinho, portando um livro, conjugando a imagem estereotipada da solteirona e a de intelectual, que, como já foi exposto, não representava um signo feminino positivo¹. Na outra, observa-se uma mulher mais velha, gorda, ar arrogante, apresentando as mesmas características:

Seção Sapatos



Feminista

feiúra, masculinidade e o indefectível livro, sendo alocada, muito a propósito, na seção *Sapatos*⁴².

Este pensamento, apresentado de forma picaresca, manifestara-se com toda força nos médicos da virada do século e parecia manter crédito nos anos 1930. A inteligência, o interesse profissional, o desejo de participação na esfera pública, longe estavam de ser um traço peculiar às mulheres. As mulheres dotadas de forte inteligência, característica masculina, eram incapazes da abnegação, da paciência, do altruísmo que caracterizam a maternidade, função primordial das mulheres e garantia da sobrevivência da espécie humana, que tais articulistas buscam reafirmar como ameaçada...

⁴¹ "*vieille fille*", expressão francesa com que se denominava pejorativamente as mulheres celibatárias.

⁴² Raul Pederneiras. Seção "Almas deste Mundo", *Álbum Cenas da Vida Carioca*. 1926

A crítica não se limitava aos homens. A revista feminina *Única*, publicação mensal, contendo matérias sobre literatura, arte, elegância e sociologia, dirigida por uma mulher incorre, igualmente, na questão. Em que pese contar com diversificada colaboração de mulheres significativas na época, como a poetisa Cecília Meireles e até de militantes do movimento feminista. Nesse sentido, noticia a invasão dos prados de corridas e quarteirões elegantes londrinos por mulheres apaches de porte másculo e muito bem vestidas, pertencentes a um bando de nome bizarro, "*bando dos quarenta elefantes*". Tais "*criaturas, dedicam-se ao roubo nos grandes estabelecimentos, à violação das fechaduras, à chantagem e até ao assalto à mão armada....resultado dos direitos equiparados da mulher*"⁴³

Aliás, também aqui, cabe lembrar Lombroso que menciona o fato de muitas mulheres honestas estarem incorrendo no delito, devido o seu acesso à instrução elevada. Segundo ele, na medida em que estas encontram dificuldades de atuação profissional, face à manutenção dos preconceitos nesse campo, muitas acabam reduzidas à miséria. Outrossim, "*tendo perdido ou quase a esperança de encontrar um último recurso no casamento (pela habitual repugnância do homem vulgar pela mulher instruída) não lhe resta senão o suicídio, o delito ou a prostituição*". Assim, mais uma vez, a ciência mescla-se com o senso comum, corroborando o perigo para as mulheres de uma escolha daquela espécie.

Apesar de todo este bombardeio, as feministas tiveram suas reivindicações concretizadas na Constituição de 1934. Nela foram incorporadas muitas das sugestões de Bertha Lutz como membro da Comissão que elaborou o anteprojeto. Através delas constata-se que a referida líder revela interesse marcante pelos aspectos básicos da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que se preocupou em propiciar às mulheres condições de se integrar nos vários planos da vida nacional e internacional. Bertha Lutz foi a candidata indicada para representar o movimento feminista na Câmara Legislativa Federal, passando a integrá-la em 1936, ao falecer o deputado titular, destacando-se pela sua intensa e profícua atuação⁴⁴.

Enfim, não há como concordar com a afirmação de que a luta pelos direitos políticos tenha se constituído numa luta inglória, limitada às "*reivindicações formais do*

⁴³ "Feminismo e suas desvantagens", *Única: Revista Feminina*. outubro 1925.

⁴⁴ Soihet, Rachel. "A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz" *Revista Brasileira de Educação* No 15. ANPEd. Campinas: Ed. Autores Associados Ltda. , Se/Out/Nov/Dez 2000, p.105.

liberalismo burguês", reduzindo-se esta conquista a uma concessão "*quando assim interessou à classe dominante, em seu confronto com as massas urbanas que ameaçavam o equilíbrio do jogo político liberal*". Uma posição desta natureza desdenha as lutas empreendidas por várias gerações de mulheres já preocupadas com a questão. E, particularmente, quanto a Bertha, importa ressaltar sua ação num momento decisivo, marcando uma ruptura, em meio aos preconceitos nos mais diversos âmbitos, a começar pelo Congresso, nas páginas da imprensa, nos teatros, etc. Afinal penetrar na esfera pública era um velho anseio por longo tempo vedado às mulheres. Significava, uma conquista, possibilitando-lhes, segundo Hannah Arendt, assumir sua plena condição humana através da ação política, da qual por longo tempo permaneceram violentamente excluídas. Escaparam, porém, aos ideais feministas do momento vários dos fatores que impediriam, plenamente, tal liberação, alguns apenas visíveis a partir da década de 1970⁴⁵.

Nos anos 1960, em meio à prosperidade do pós-guerra, mas também em plena guerra fria, reage parte significativa da juventude contra a repressão e o controle ostensivo de que se considerava refém. A desilusão com os valores do mundo capitalista, mas também com o "socialismo real" era a marca, para a qual, especialmente, no Ocidente muito contribuíram as idéias de Herbert Marcuse, cujas obras, entre elas, *Eros e Civilização*, tornaram-se emblemáticas. E, assim, toma vulto a marcha em prol de um mundo novo, de uma utopia que, iniciada nos Estados Unidos posteriormente estourou com mais intensidade em outras partes do mundo, como a França e a Alemanha, mas que também na América Latina e na porção socialista esteve presente. É o sonho libertário que se busca, através de uma nova concepção de política e de cultura que concilie justiça social e liberdade, arte e vida. Em suma, emerge a célebre rebelião contracultural dos anos 1960, propondo toda uma série de mudanças no plano da criação literária, artística, do comportamento individual e da atuação política, descendente em linha direta da *beat generation* dos anos 1950 com Jack Kerouac, Allen Ginsberg e William Burroughs à frente. Na esteira dessa rebelião uma outra emerge, qual seja a rebelião das mulheres. Assim, irrompe uma nova vaga feminista nos Estados Unidos e na Europa, a qual, também, se manifestou, vivamente, no Brasil, momento em que o país via-se acossado pela ditadura militar que assumiu o poder, após o golpe de 1964.

⁴⁵ Idem, *Ibidem*. p. 116.

Dentre as várias modalidades de luta contra o regime, destacou-se o empenho de alguns em manifestar resistência e inconformismo, através, da ridicularização, no que se destacou o tablóide *O Pasquim*, publicado quinzenalmente, naqueles "anos de chumbo". Paradoxalmente, porém, esta mordacidade voltou-se, igualmente, para as mulheres que se decidiram pela luta com vistas a atingir direitos e/ou que no seu cotidiano assumiam atitudes consideradas como inadequadas ao que se considerava próprias à feminilidade e às relações estabelecidas entre os gêneros. Estas, por sua vez, em muito lembrando reflexões de Virgínia Woolf, denunciavam como uma mistificação a separação entre o público e o privado, entre o pessoal e o político, insistindo sobre o caráter estrutural da dominação, expresso nas relações da vida cotidiana, dominação cujo caráter sistemático apresentava-se obscurecido, como se fosse produto de situações pessoais⁴⁶. Articuladas a esse clamor, estavam as manifestações contrárias à permanência de padrões patriarcais na organização da família, além das exigências que reforçavam estereótipos para as mulheres, como: maternidade compulsória, modelos de beleza, delicadeza etc. Dispostas a derrubar tabus como os da virgindade obrigatória para as mulheres solteiras, buscavam a plena assunção de seu corpo de sua sexualidade.

Em contraposição, nas páginas do citado jornal, ridicularizam-se as militantes, utilizando-se os rótulos usuais de "masculinizadas, feias, despeitadas", no que conseguiam grande ressonância. E, as velhas piadas re-atualizadas apresentam-se: uma entrevista com Tonia Carrero é acompanhada do sub-título: *“Beleza e Inteligência são dois ingredientes que, salvo raríssimas exceções, exigimos para as mulheres entrevistadas pel’O Pasquim”*. Uma caricatura de Fortuna mostra um casal...ao invés de brindarem prazerosamente, disputam uma queda de braço, numa atitude competitiva... Também, fazem entrevistas com mulheres intelectuais com questões acerca do que pensavam sobre o feminismo. Em boa parte delas é manifestado o horror sobre o movimento... Foi exemplar a entrevista realizada pelo *O Pasquim* em 22.04.71 com a feminista americana Betty Friedan, quando de sua visita ao Brasil e os desdobramentos provocados por sua suposta feiúra... Ante a afirmação de Paulo Francis, acerca do excessivo individualismo e da preocupação obsessiva de certas feministas americanas com problemas sexuais, Friedan sustenta uma posição contrária a respeito...

Minha definição da mulher, primeiro como uma pessoa, significa que eu devo me sentir responsável, como americana, e preocupada, como americana, com a repressão tanto dentro

⁴⁶ Varikas, Eleni. “O pessoal é político”: desventuras de uma promessa subversiva” *TEMPO Revista do Departamento de História da UFF*. Vol.2 – no 3. Rio de Janeiro: Relume Dumará, junho 1997, p. 66.

de meu próprio país como fora, no Camboja, Vietnam, etc., no sentido que esse país, o meu, está se tornando um poder do mal no mundo. Eu devo ter uma voz, não só no que afeta meu corpo como o aborto, etc., mas também no que diz respeito à guerra ou à paz, o problema das cidades, a opressão dos negros – pois todos esses problemas estão relacionados. Mas se eu não tiver essa voz? Como tantas mulheres que não se libertaram. Então, a energia, a raiva irão alimentar e ser usadas pelos fascistas.

Mais adiante, à provocação de Millor Fernandes de que o movimento das mulheres não teria um objetivo, Friedan replica, reiterando sua vinculação com o todo.

O movimento da mulher é apenas uma parte do todo de uma grande revolução humana que está acontecendo no meu país. No atual estágio dessa revolução a mulher é uma parte muito importante, mas ela não é um fim em si mesmo. É uma parte integrante da contracultura. (...) Em todo lugar, tenho falado dessa questão de libertação, não só da mulher mas também do homem...

Mas, o que ela falou pouco importou, já que o que o próprio Millor, posteriormente, em 22 de fevereiro de 1972, frisa o seu *orgulho de ser considerado porco chauvinista, já que quem assim o julgou foi Betty Friedan em pessoa* e, mais uma vez, o argumento consiste em investir contra um atributo corporal da mulher, pois, segundo o articulista citado, *ela em pessoa é muito mal apessoada*.

À primeira vista, esta maneira burlesca de apresentar as mulheres empenhadas na luta por direitos não guardaria maiores conseqüências, visando apenas divertir o público leitor. Na verdade, porém, percebe-se um aspecto perverso nessas insinuações, o que me faz enquadrar tais colocações numa das modalidades de violência contra as mulheres. Isto, porque a reiteração da comicidade na abordagem de suas reivindicações tende a difundir uma imagem em voga, acerca das feministas como "viragos", pesadas como elefantes, perigosas, feias... Imagens que se contrapõem ao ideal feminino, constantemente re-atualizado de beleza, meiguice, delicadeza, paciência, resignação, igualmente, uma forma de violência, o que não poucas vezes leva mulheres a rejeitar sua inserção no feminismo e até a combatê-lo. Observe-se aí o empenho em envolver o corpo feminino nesse processo, buscando valorizar e aprisionar as mulheres, apenas a partir de comportamentos e de padrões de beleza pré-determinados.

A imprensa desempenhou importante papel nessa luta, por vezes abrindo espaço para as reivindicações femininas, e por outras, mais numerosas, reificando os papéis e limites relativos à atuação das mulheres na sociedade. O que fica evidente é que algo aparentemente inofensivo como a zombaria, o deboche configuram-se como

modalidades de violência, buscando inocular representações com vistas a conservação do *status quo*, através da ridicularização de movimentos em prol de mudanças com relação aos papéis exercidos por mulheres e homens na sociedade. Neste último caso tal modalidade de violência parecia procurar atingir mais de perto as mulheres dos segmentos médios envolvidas com os movimentos feministas, o que não impedia sua influência sobre aquelas dos segmentos populares. Por outro lado, a violência física era mais visível no que tange aos populares, o que não significa que não ocorria entre os demais segmentos, que contavam com recursos para evitar que tais situações, em geral, viessem a público. Nesse sentido, violência física /violência simbólica, esta última também se fazendo sentir também no corpo das mulheres, revelam-se faces da mesma moeda, armas voltadas para impedir o pleno crescimento dos sujeitos sociais- na situação em pauta, as mulheres de todas as classes e cores. O alvo, porém, se revelou inalcançável pelo que nos é dado constatar; pois apesar de toda a carga de violência empregada buscando inocular comportamentos e imagens do feminino vistas como ideais, mulheres atuaram, superando os obstáculos, quer nas situações de agressão física, quer naquelas mais sutis que visavam aprisioná-las, segundo a vontade e a ação alheias. Lutaram, assim, com vista a garantir sua plena cidadania, assegurando sua realização como sujeitos de sua própria existência.

Bibliografia

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense Universitária/ EDUSP, 1981.

HÄHNER, June E.. *A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850- 1937*. S. Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*. Trad.de Yara F. Vieira. São Paulo: Editora HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

CERTEAU Michel de. *Artes de Fazer. A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHARTIER, Roger. “Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)” IN: *Cadernos Pagu- fazendo história das mulheres.(4)*. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Lisboa: DIFEL/ Rio de Janeiro/ Ed. Bertrand Brasil, 1988.

- CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual*. SP, Ed. Brasiliense, 1984.
- CORRÊA, Mariza. *Morte em família. representações jurídicas de papéis sexuais*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- DUBY, Georges y PERROT, Michelle (dirección). *Historia de las Mujeres en Occidente.4. El Siglo XIX*. Madrid: TAURUS Ed., 1993.
- ENGEL, Magali Gouveia "Paixão, crime e relações de gênero (Rio de Janeiro 1890-1930)". *Topoi. Revista de Historia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, pp. 153-177.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Trad. de M. B. Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- LANGLEY, Roger e LEVY, Richard C. *MULHERES ESPANCADAS fenômeno invisível*. Tradução de Cláudio Gomes Carina. 2ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1980.
- LOMBROSO, Cesare et FERRERO, Guglielmo. *La Femme Criminelle et la prostituée* (traduction de l'italien). 1896.
- PEDERNEIRAS, Raul. *Scenas da vida carioca (álbum)*. Série: Caricaturas e desenhos humorísticos no Brasil. Ano 1926, v.1
- PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História*. S. Paulo: Ed. Paz e Terra, 1988.
- SOIHET, Rachel. "A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz" In: *Revista Brasileira de Educação. ANPED n. 15* Número Especial, Rio de Janeiro: Ed. Autores Associados, 2000.
- SOIHET, Rachel. *Condição Feminina e Formas de Violência. Mulheres Pobres e Ordem Urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1989.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, E. P. *Tradicón, revuelta y consciencia de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona: Ed. Critica, 1979.
- VARIKAS, Eleni. "O pessoal é político": desventuras de uma promessa subversiva" *TEMPO Revista do Departamento de História da UFF*. Vol.2 – no 3. Rio de Janeiro: Relume Dumará, junho 1997, p. 59-80.
-